

4468

1028

96

2

Uma boa inovação

GARANHUNS - A inclusão da comunidade de Castainho na programação oficial do 7. FIG foi a grande novidade deste ano. Situada a sete quilômetros de Garanhuns, ali vivem cerca de 160 famílias descendentes dos escravos negros. A participação no festival é um instrumento de luta pela cidadania e pelo reconhecimento do grupo enquanto remanescentes dos quilombos. Durante todo o festival houve atrações em Castainho, entre 16 conjuntos de ciranda, coco, maracatu, orquestra de frevo e cantores. O grupo artístico da tribo funiô fez uma apresentação de suas danças, mostrando um pouco da cultura viva e intacta dos índios.

A integração dessas duas etnias formadoras do povo brasileiro - a negra de Castainho e a índia dos funiô -, com a exibição das danças, foi um momento relevante do FIG. Em idioma Yateé, a língua em que se comunicam entre si (para mantê-la viva), eles mostraram cantos e danças de pedidos de bênção a Deus, de benefício da comunidade de Castainho, de união e pela chuva. Eles clamam, com passos bem marcados e cânticos, pelos valores mais positivos da vida e que isso chegue ao coração de todos.

São bonitas as coreografias e tocantes porque verdadeiras. Os dançarinos índios são belos, e em suas roupas mínimas, com os corpos pintados, eles exibiram o orgulho de sua raça e a preservação da cultura. O líder dos Fulniô, Valério, confessou-se muito emocionado quando soube da história de resistência de Castainho.

A participação da comunidade no Festival de Inverno é uma conquista dos descendentes negros dos quilombos, que estão em guerra para manter sua identidade, pelo reconhecimento dessa condição de herdeiros dos heróis negros e pelo cumprimento do que reza o artigo 68 da Constituição - que diz que as co-

munidades negras remanescentes dos quilombos têm o direito à terra pela qual lutaram e viveram seus antepassados, como parte integrante da preservação de sua cultura.

RESULTADO

Amanhã de madrugada acaba o VII Festival de Inverno de Garanhuns. O evento pode ser considerado um sucesso. Neste ano, a Fundarpe resolveu apostar no mangue beat. Aceitou. Não dá para se fazer festival somente com Fafá de Belém de e Joana. Nada contra as duas. Mas os organizadores se tocaram que hoje Pernambuco faz a melhor e mais inovadora música do país.

Misturar atrações nacionais - como a grande e talentoso Cauby - com bandas pernambucanas, garantiu a pluralidade do evento. Ponto para a Secretaria de Cultura e a Fundarpe.

No próximo ano, espera-se que Pernambuco garanta mais uma vez o seu espaço no FIG, um evento que serve para revelar e confirmar talentos.

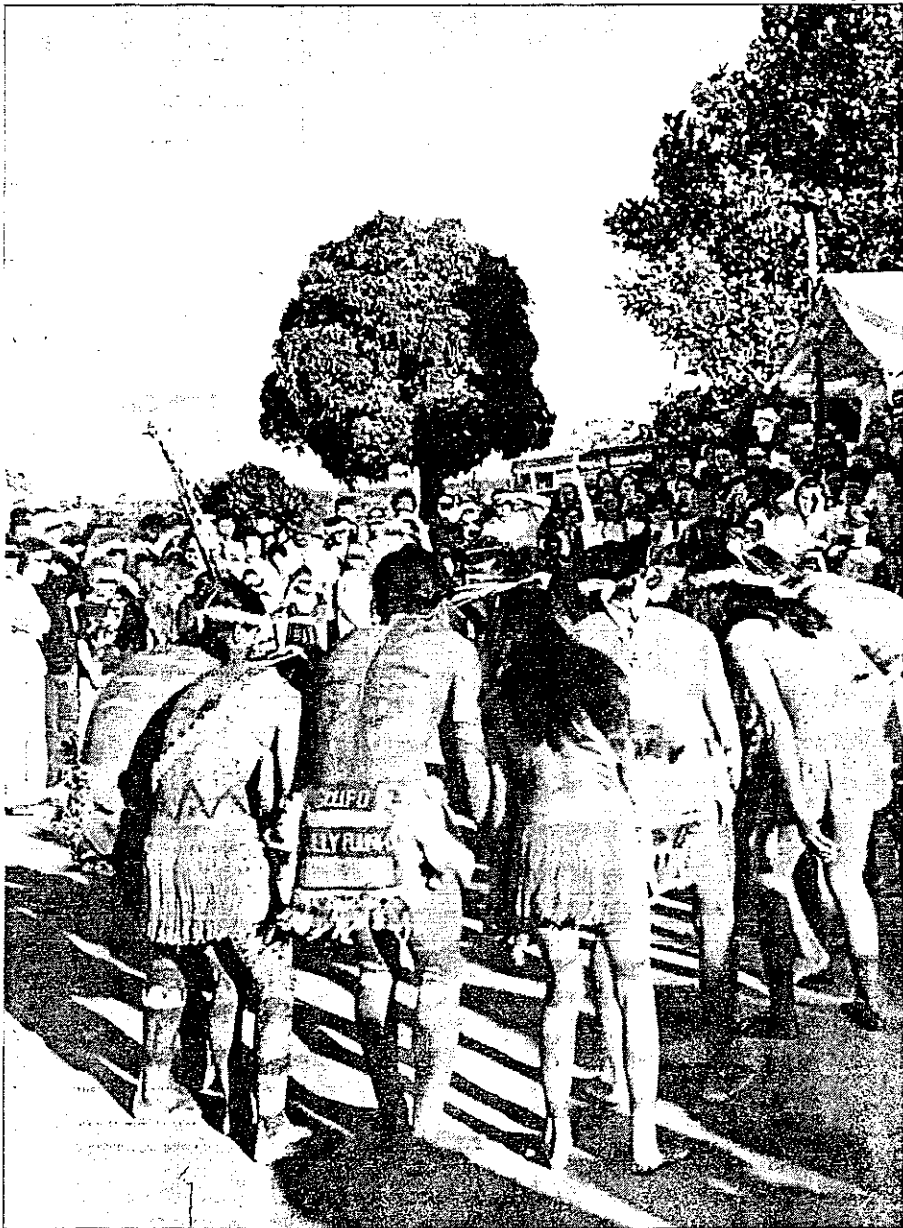
O exemplo do que se faz hoje em Garanhuns é a prova de que é possível se realizar muita coisa em Pernambuco, um estado pobre economicamente, mas riquíssimo culturalmente. Há, aqui, espaço para todo mundo. Artsita, que batalha, que vai à luta e que tem qualidade, terá seu espaço garantido.

GRAVATÁ

Como Garanhuns - essa simpática cidade do Agreste meridional - , Gravatá também pode ter o seu festival. Basta que se junte esforços. Gente para fazer o povo cantar e dançar é o que não falta.

Fica a sugestão. Que Caruaru, Petrolina, Bezerros, Araripina e tantos outros municípios pernambucanos se mobilizem para criar seus calendários culturais. Todo mundo ganha com isso. Povo, governo e os que gostam de se divertir. Pernambuco espera mais e mais festivais. (colaborou Beto Rezende)

Alexandre Belem /Ap.Lumiar



Os índios fulniôs mostraram um espetáculo de rara beleza, emocionando a todos que foram assisti-los